

Preliminares para ler Da Redenção em Assim Falava Zarathustra, Parte II

Gilvan Fogel
Professor Titular do PPGF-UFRJ

1. Na Segunda parte de *Assim Falava Zarathustra*, há um discurso, intitulado *Von der Erlösung, Da Salvação* ou *Da Redenção*.

Vamos tecer algumas breves considerações, de caráter preliminar, que pretendem trazer à tona um fundo orientador, a partir do qual pode-se fazer uma leitura- interpretação do referido texto.

Von der Erlösung está falando: *Da Salvação, Da Redenção, Da Remissão, Da Re-condução*. Mais do que “a respeito de” ou “sobre”, que dão a idéia de uma fala de fora, descomprometida, “objetiva”, o *de* (em *Da Redenção*) diz *a partir de, desde*. Assim, *Da Redenção* fala *já* a partir ou *já* desde o poder, a força de salvação, de libertação, ou seja, de recondução ou de reatamento. Mas, salvar de que, libertar de que ou para que? Reconduzir (ou reatar) o que ou quem e para onde (ou a que)? A fala, principalmente de redenção, evoca *moral* ou *religiosidade* monoteísta, que nostalgicamente se põe em recuo à busca de uma unidade perdida. O texto de Nietzsche quer evocar isso, pois ele, sendo filosofia, *metafísica*, quer ser uma *paródia* do cristianismo. Por isso, cabe a pergunta: afinal qual a *perda*, qual a “ruptura”, qual a *culpa*, qual o *pecado*?! O *pecado* é a própria metafísica, pois a metafísica é o *erro*. E metafísica é erro, o erro, porque aponta, de modo geral, para uma atitude ou um modo de ser (o Ocidente, a Europa) que põe e impõe um desvio – mais: um extravio, uma expatriação (= de-cadência). E é o erro, *este* erro que precisa ser *reparado, superado*, isto é, do qual é preciso que se redima, ou seja, do qual é preciso ser retomado o fundo, o fundamento, o lugar próprio, a *pátria*, a *Terra* – diz Nietzsche, *o sentido da Terra*. Há portanto que re-adquirir (“redimere”), reconquistar o solo ou a t(T)erra perdida com a irrupção e com o respectivo triunfo e dominação da metafísica e do cristianismo, pois “cristianismo é platonismo para o povo”! Metafísica, cristianismo alienam, *expatriam*

Portanto, mais *filosófica* ou menos *religiosamente*, redenção, salvação, “Erlösung” está falando *superação* – da metafísica, do cristianismo. Grave, gravíssimo problema é como é pensada, como é experimentada esta superação. Superar não é abandonar, não é pura e simplesmente passar por cima e ir embora, jogar ou sacudir fora alguma coisa que incomoda, que atrapalha. Portanto, a fala de redenção, de salvação,

que é discurso eminentemente cristão, na boca de Zaratustra, o anti-cristão, precisa soar e soa como *paródia*. Na paródia fala-se aparentemente de uma mesma coisa (é a mesma “forma”), mas desde um outro *lugar* ou uma outra *hora* (com outro “conteúdo”), o que faz com que tal fala, na verdade, se evidencie ser outra, isto é, vindo desde outro lugar e apontando para outro horizonte...

2. A metafísica, configurando-se como erro, é marcada pelo *espírito de vingança*. “Espírito de vingança” é uma espécie de *categoria* do pensamento de Nietzsche, com a qual, desde a qual ele quer pensar a força, a essência da metafísica. Metafísica, aqui, de novo de modo muito amplo ou geral, designa o pensamento substancialista. É isto o erro, a saber, a substância ou a vontade, a tendência ou, mais precisamente, o *querer* substância. Então, metafísica fala da atitude que, “seguindo o fio condutor da causalidade”, se mede com a realidade à luz da necessidade de insistentemente ou até infinitamente buscar substância, o sub-estrato, o fundamento do real, *pois como substância ou sub-estrato já está entendida ou pré-compreendida a determinação de fundo, de fundamento*.

Na expressão “espírito de vingança” o termo “espírito” fala do impensado, do irrefletido, mesmo do espontâneo desta atitude que tem tal busca por *evidentemente necessária* e, por isso, irrefletida, espontânea, *tornada vida!* Vida é sempre espontaneidade. É, portanto, espírito e, então, força, porque não pensa, isto é, não *precisa* pensar, uma vez que atua como o óbvio, o evidente e, assim, o impensado deste modo de pensar. Como diz Zaratustra, ironicamente, no próprio discurso, que nos preparamos para ler: “O espírito de vingança - ah, meus irmãos, esta foi até agora a melhor reflexão dos homens”. “A melhor”, quer dizer, a *nenhuma* reflexão, justo por ter-se tornado *espontaneidade*.

Para nós, latinos, vingança, de “vindicare”, fala de uma *reivindicação*. No caso, a reivindicação que vida, pré-compreendida *já* desde a vigência da própria vingança, isto é, desde o *espírito* de vingança, passa a fazer do *direito* de, “seguindo o fio condutor da causalidade”, reformar, corrigir e, por fim, na era da tecno-ciência, de *substituir* o real, a vida. E isso é feito à medida que se busca, que tanto se busca, que se *corre atrás* do fundo, do fundamento da vida. O fundo, este fundo, tem, tal como o horizonte, a tendência de se afastar na mesma medida que supomos dele nos aproximar. Assim, à medida que se busca e se corre atrás, ele recua, se adia e se protela para fora e para além do fundo, fazendo-se cada vez mais o *pro-fundo*, a ponto que esta atitude de

buscador, de *pesquisador*, que é a de escavador ou de sapador (“fodere”!), faz do viver ou de ser desde *e s t e* modo de ser uma i-limitada, in-finita busca, pesquisa; uma sôfrega, inconsumável, insaciável fornicação da Terra, do “Sentido da Terra”, que é outro nome para dizer o dom, a dádiva transbordante e transcendente, que é a Vida.

Este componente de busca, de pesquisa, do correr atrás sôfrego, *guloso*, infinito, todo cobiça, luxúria, voluptuosidade, isto é, todo *hybris* - enfim, este componente é o que se ouve, se ausculta na palavra alemã “Rache” (vingança) – “**Geist der Rache**”.

“Rache” e respectivamente a forma verbal infinitiva “rächen” provém do antigo alemão “rehhan”, que quer dizer “verfolgen” (perseguir, correr atrás) e que, remetendo-se à origem indo-germânica, resguarda o sentido de “vervolgen” e encerra ainda “drängen” (empurrar, impelir), “stossen” (idem) e “treiben” (impulsionar, empurrar). É nesta direção que se faz necessária a conexão de “Rache” com “tractatus” (“tractare”, que diz arrastar com violência, correr atrás, isto é, perseguir e ainda manusear, manejar), que dá *tratamento e tratado*, o que constitui a forma moderno-contemporânea do teorizar, da teoria, isto é, do saber e do ver. Sim, *concupiscência do olhar*. É isso, sim, a nossa pesquisa *assanhada, sem vergonha...* A morte do espírito...

Mas deixemos isso de lado! A conjugação de “vindicare”, compreendido desde a causal-substancialista reclamação ou reivindicação para si (isto é, para a vida ou a existência) do que não é de si (a saber, o i-limitado, o in-finito), com “Rache” nos dá a estruturação da metafísica como movimento de concretização do espírito de vingança – “**Geist der Rache**”. Esta estruturação constitui a essência da metafísica, seu verdadeiro, seu autêntico fundamento – portanto, aquilo que a revigora, possibilitando-a e promovendo-a a cada passo. Enquanto o “espírito” da metafísica, é esta vingança (reivindicação sôfrega, ávida, gulosa do i-limitado, do in-finito) como que o *sentimento* (o “*páthos*”), que é insistentemente sentido e re-sentido, ou seja, que insistentemente se repete, retorna e, então, se *re-toma* no movimento do fazer-se e do concretizar-se da exposição metafísica do sentido de mundo – isto é, de vida, de existência.

Em suma, e voltando ao início destas anotações, *Da redenção* fala: Da libertação ou Da salvação do espírito de vingança. *Da redenção* fala *da re-conquista e da re-condução* a um solo perdido, do qual o espírito de vingança, isto é, a vontade de infinito imperando como compreensão de toda realidade possível, aparta, extravia, e *x i l a* o homem. Portanto, de algum modo, *Da redenção* fala de *re-condução à pátria, à Terra, ao lar*, à medida que fala da superação da sanha, da *hybris* ou da vontade de infinito.

Superar (superação da metafísica, do *homem*) é ultrapassar, mas ultrapassar por atravessamento, por perpassamento... O que é isso?! Como?! ...

É isso que, no mencionado discurso, está em questão.

3. Nessa busca de infinito, nessa corrida assanhada da vontade de infinito, atua como *espírito*, isto é, como força ou a “melhor reflexão”, uma determinada compreensão, melhor, pré-compreensão de tempo, quer dizer, de sua gênese ou do fenômeno de *temporização*. E esta que assim atua, é a compreensão *habitual* e, porque habitual, óbvia, evidente, ou seja, pela qual não é preciso perguntar, a qual não *precisa* ser pensada – justamente por ser “a melhor reflexão”. E esta compreensão é a que organiza toda realidade possível no esquema de *antes, agora e depois* – passado, presente e futuro. É, portanto, a compreensão que organiza toda realidade possível segundo antecedente e conseqüente, causa e efeito, *numa reta aberta de in-terminável, in-finita sucessão*. Trata-se, pois, da habitual representação sucessivo-linear ou causal-substancialista do tempo.

Mas vem logo a pergunta: *desde onde se fala, desde onde se acusa isso?* Em outros termos: *como* o tempo *pode não ser isso*, a saber, a dominação da interminável, insaciável, sôfrega, assanhada, infinita sucessão linear? É preciso que se fale, que se veja *desde outro* lugar, desde *outra* instância, isto é, desde um lugar *in-habitual* ou desde uma instância extra-ordinária. E isso se dá, é possível e mesmo necessário que se dê, na suposição, diz Nietzsche, que se tenha sido tomado por uma insólita, extraordinária *experiência*. Experiência (afeto, *páthos*, interesse), só experiência, assim entendida ou experimentada (!), quer dizer, extra-ordinariamente, abre *evidência*, isto é, *necessidade e destino*. Uma tal experiência põe, *transpõe* para outro lugar, outro *tempo* ou *hora*. Em questão está a experiência, a evidência do que Nietzsche chama “um instante medonho, *tremendum*, extraordinário” – “ein ungeheuer Augenblick”. Portanto, um instante, in-habitual ou fora do ordinário (lembremos, um instante extraordinário abre, desde sua rara intensidade vital, uma evidência, uma necessidade ou um destino), que nos arranca para fora da óbvia ou habitual ordem sucessivo-linear – sub-estancial, pro-funda, in-finita.

Por volta de 1881, quando esta questão, que desde sempre ocupava, pré-ocupava Nietzsche, mas que principalmente agora, por volta de 1881, dele se apoderava com a força de um grande, isto é, de um necessário e portanto intransferível destino – pois bem, deste ano de 1881, temos uma anotação de trabalho que fala justamente da

possibilidade de uma tal extraordinária ou inabitual experiência da gênese-tempo, da temporização do tempo. A anotação é a seguinte:

Há uma parte da noite, da qual um solitário dirá: ‘Ouça! Agora o tempo pára!’ Em toda vigília, especialmente se a gente se encontra *inhabitualmente* à noite em caminhadas errantes (penso nas horas entre uma e três), tem-se uma sensação insólita, um sentimento de espanto, uma espécie de ‘demasiado curto!’ ou ‘demasiado longo!’ – em suma, tem-se a impressão de **uma anomalia do tempo** [“einer Zeit-Anomalie”]. Será que nós, excepcionalmente veladores e guardadores da noite, deveríamos expiar pelo fato de que habitualmente àquelas horas nos encontramos no tempo-caos do mundo do sonho? Basta! À noite, entre uma e três não temos ‘nenhum relógio enfiado na cabeça’. Parece-me que precisamente isso os antigos expressavam com *intempestiva nocte* e *én áronykti* (Ésquilo) – isto é, *aí na noite, onde não há nenhum tempo*. E é ainda nesta direção e atendo-me etimologicamente a este pensamento, que me explico uma obscura palavra de Homero para a calada da noite, que os tradutores crêem reproduzi-la como: *tempo da ordenha da noite*. Onde, em todo este mundo, já se foi de tal modo insensato, tão insensato quanto nunca, a ponto que aí se ordenhava as vacas-noites entre uma e três?! – Mas, a quem contas tu, agora, teus pensamentos noturnais? (NIETZSCHE, F. FP 8:1 [12] verão de 1881-1882).

4. Falta-nos fôlego, agora, para desenvolver uma interpretação *soletrada* da passagem acima citada. Seria este o bom caminho para descrever, explicitar a articulação da possibilidade de uma tal extraordinária experiência de um *tempo-anomalia*, in-comum ou igualmente extra-ordinário. Na verdade, *o tempo que é o tempo-nenhum!* Leia-se: *o tempo, para o qual o fluxo sucessivo-linear não é medida, não é critério*. Isto quer ainda dizer: não é este o tempo, quer dizer, o ritmo, a cadência ou o pulso próprio de vida enquanto e como *criação*, isto é, auto-superação. Trata-se, este, de um tempo, de uma dinâmica de vida marcada pelo comedido, pela saciedade ou satisfação. Quer dizer, no pouco, pelo pouco e graças ao pouco, ter e ser sempre o suficiente, o bastante, o que se faz necessário. É a suficiência e a alegria do e no pouco, do e no pobre, do e no finito como medida, aliás, **a** medida, à medida que só aí e só assim se fazem o lugar e a hora da consumação do existir como obra do desejo finito, que é o outro nome da inocência no desejo e que se opõe à volúpia, à lascívia e à cobiça da má consciência no desejo ou do desejo infinito, i-limitado.

Tudo isso é anúncio, que, como anúncio, fica a caminho, reclamando explicação, isto é, desdobramento, descrição, análise.

Antes, porém, o fato é que, na vigência da vontade de infinito, vai se forjando, vai ganhando carne e musculação o homem doente do homem, ou seja, o homem que é

doente a n t e s do homem, porque sua doença o é de *projeto*, de programa vital – na linguagem de Nietzsche: de *vontade*. Está-se falando do homem do projeto metafísico, encarnado no humanismo europeu, no humanismo greco-cristão. Trata-se do insensato, do louco que é o programa, que pré- ou pro-põe uma estória (por *estória* entende-se o dar-se, o suceder ou o vir-a-ser de vida, o que o alemão entende sob *Geschichte*), que é o evidente *descompasso* entre o querer e o poder, isto é, um programa vital que diz ser preciso querer o que, por constituição e princípio, não pode e, então, não tem o direito de querer, pois não pode poder isso que quer ou o que quer querer, a saber, o *in-finito*, enquanto o indefinidamente adiado e protelado sub-estrato e pro-fundo. É este o descompasso ou o desajuste entre o que o homem *pode* poder e o que ele *quer* poder! Nessa brecha, que, por seu lado, *já* é *hybris*, cresce, alastra-se a própria *hybris*; cresce, alastra-se o deserto...

O homem só pode, isto é, só tem o direito de querer o que ele pode poder. *Fora* disso, *além* disso já é o império da *hybris* que, por salto, já se instalou como pretensa, melhor, presunçosa medida e presunçoso ritmo da vida. A palavra de Heráclito é sempre oportuna: “Mais do que o incêndio, é a *hybris* que precisa ser apagada” (Cf. Heráclito, Frag. 43 DK).

A *hybris* é mais forte, mais poderosa do que qualquer incêndio, do que qualquer deserto, pois ela é a força do incêndio, ou seja, ela é o próprio incendiar-se; é a força do deserto, o próprio desertificar-se. Por isso, Zaratustra adverte e profere: “O deserto cresce, o deserto cresce – ai daquele que guarda, que agasalha em si desertos!” (ZA, “Entre as filhas do deserto”). Ou seja, ai daquele que é a própria sanha da e na desertificação, que cresce, que cresce, que cresce... Insaciavelmente, assanhadamente, infinitamente...

Esta louca, desenfreada corrida do e para o sub-estrato, do e para o pro-fundo, isto é, do e para o fundo que, por constituição ou princípio, se põe sempre para fora e para além do fundo – enfim, esta corrida insana é a doença, a doença da *alma*, quer dizer, da vida. Isso e assim ouve-se também no poema de Álvaro de Campos, intitulado *Opiário*. Lê-se, na abertura do poema:

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente
(PESSOA, F. *Obra Poética em um Volume*, p. 301)

É *antes* do ópio, porque a *vontade*, o projeto ou o programa do ópio (= substância, profundo, fundamento), isto é, da vontade de infinito, sempre já se instalou [é o pretense ou pretensioso, presunçoso salto da vida para fora e para além da vida (soberba!) = vontade que quer o nada, mas não pode nada querer!], para que tenha, para que possa ter força a insana busca de consolo, de conforto num Oriente que a cada passo se adia, se protela e se faz sempre ao oriente do Oriente...

Ah, a melancolia! A tristeza! Ah, o infinito, o incontido do olhar derramado no mar...O cansaço, o tédio, a lassidão, a inutilidade, a impotência, melhor, a inapetência (daí pode igualmente irromper também o ódio, a ira!), o *páthos* do *em vão* e o suspiro lastimoso, lacrimoso, langoroso, *nostálgico* :

Fumo. Canso. Ah, uma terra aonde, enfim,
Muito a leste não fosse o oeste já!

E ainda:

Não posso estar em parte alguma. A minha
Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.
(Ibidem, p. 303).

Estando em questão o homem, *pátria* não fala de nenhuma determinação política, geo-política, geográfica, cartográfica, mas, sim, da essência ou do modo próprio de ser do homem. Portanto, *pátria*, aqui, fala da *essência* do homem, de sua determinação mais própria. Nostalgia é o sentimento dorido de se estar onde não se está – onde, porém, se *precisava* estar. *É este o sentimento do homem apartado de sua humanidade própria*. Neste sentido, estar apartado da pátria, expatriado ou em exílio é estar fora, perdido ou desorientado quanto à sua determinação essencial, quer dizer, ser/estar estranho à sua própria essência ou modo próprio de ser. Assim sendo, desde a dominação da sanha, desde a vigência de *hybris*, que, vimos, por ser dominação ou vigência, se faz “a melhor reflexão”, a pátria, a *minha* pátria, quer dizer, a *terra* onde impera a vontade de infinito, é onde não estou, onde *não posso* estar, onde *nunca* posso estar, pois ela, por princípio, adia-se, protela-se indefinidamente. E eu *devia*, e eu *precisava* estar nesta pátria-substância, nesta terra-fundamento-profundo. Ah, nojo! Nojo! Asco! Sou doente e fraco! Impotente. Inapetente. Sou tal como não devo, como não *devia* ser...

Será que não sei ser?! Será que o homem, assim, não *sabe* ser?!

5. Mas desde onde irrompe esta pergunta desconfiada, esta suspeita estranha: não saber ser, o evidenciar-se do não poder ser o que, por proposta e projeto, se diz querer, dever e precisar ser?!

No surgimento de uma tal suspeita, já fala a voz de um instante extraordinário, que me *transpôs* para a instância desde a qual esta pergunta, esta suspeita se faz possível, mesmo necessária. Um instante extraordinário é sempre uma experiência e uma experiência é sempre a *transposição súbita*, imediata (salto) para um possível modo de ser, ou seja, para um verbo ou um afeto possível da e na vida, que, justamente na experiência e desde a experiência, *se abre e* então, se impõe como possível, isto é, para o homem, como necessário.

Aquela suspeita *não sei ser*, a saber, não sei, não posso ser à medida que sou desde o imperativo do infinito, desde a sanha do mais e do mais, do além e do além, tal suspeita, pois, se faz possível, mesmo necessária, quando desde a evidência imposta pela experiência de um instante extraordinário, desde o *salto* para *outro* modo possível de ser, *abre-se e impõe-se* a pátria possível, então necessária, ou seja, o que realmente sou, o que não está no infinito e no ilimitado, mas, sim, aos meus pés. Ou seja, abre-se e impõe-se o que sou e não posso não ser. Isso que se evidencia como sendo o que sou e não posso não ser é a força do pobre, do finito *como tudo, como todo o possível*, então necessário, ou seja, o que é e precisa ser.

A partir dessa afeição ou *afinação* com vida, brota esta confissão de singeleza, de suficiência e de satisfação serena no pouco, pelo pouco, graças ao aquiescimento no e do finito. Brota a fala cristalina, na qual não se entrevê nem a dobra do nojo, do asco no lábio, nem o baço da inveja nos olhos. Ou seja, a partir da irrupção da necessidade e do *sem-querer* do pobre, do finito, de algum modo, desfaz-se o programa que quer ser e que diz dever e precisar ser o que, por princípio, o homem *não pode ser*.

Esta desconfiança e, ao mesmo tempo, esta evidência ganham corpo e espessura, de novo, na voz de um poeta – agora, Fernando Pessoa, que diz:

Não sei ser triste a valer
Nem ser alegre deveras.
Acreditem: não sei ser.
Serão as almas sinceras
Assim também, sem saber?

Ah, ante a ficção da alma

E a mentira da emoção,
Com que prazer me dá calma
Ver uma flor sem razão
Florir sem ter coração!

Mas enfim não há diferença.
Se a flor flore sem querer,
Sem querer a gente pensa.
O que nela é florescer
Em nós é ter consciência.

Depois, a nós como a ela,
Quando o Fado a faz passar,
Surgem as patas dos deuses
E a ambos nos vem calcar.

‘Stá bem, enquanto não vêm
Vamos florir ou pensar.
(PESSOA, F. Op. Cit., p.546).

A poesia nos dá uma lição de uma evidência agressiva, ofensiva – aquele tal óbvio ululante: não somos a maria-sem-vergonha que dá à beira da estrada, não somos alface ou brócolis, não somos pedra, porta ou cachorro. Somos *só* homem. Isso é nossa floração, o sem-querer que nos cabe. A floração do finito – da “consciência”. *Não se pode não ser o que se é!* Só isso basta. Só isso *precisa* bastar. Não podemos florir, nem latir – vamos pois pensar, que é o que nos cabe e o *só* que se pode! *Só* pensar. É isso nossa floração. A floração do finito. É o que nos cabe. É o que é preciso. E pensar é, em se pondo à altura das coisas, em se transpondo para a dimensão própria de cada qual (o seu afeto, o seu *sentimento*, o seu interesse, o seu “sangue”, nos diz o *Zaratustra*), pura e simplesmente dizer, celebrar o que cada qual é, tal qual aparece. É este o pensar que é *escuta*. A escuta que faz *corpo* – que é *encorpoação* ou *meditação*, “*Besinnung*”. “*Besinnung*” é intromissão *no sentido*. Numa outra anotação de Nietzsche, de 1880, lê-se: “Assim como a natureza não procede segundo fins, assim também deveria o pensador *não pensar* segundo fins, isto é, nada buscar, nada querer provar ou contradizer, mas, tal como numa peça musical, ouvir, auscultar: ele teria uma impressão do quanto ou do quão pouco ele ouviu” (NIETZSCHE, F. FP 5:4 [73] verão de 1881).

Isso é o *Zaratustra*, que é o renascimento da arte do ouvir, segundo um outro testemunho. Então, também renascimento do pensar ...

6. Para encerrar, duas observações.

A primeira é para dizer que tentei esboçar – em retrospecto, porém, vejo que o fracasso é evidente, pois predomina o desvio, o obscuro e o confuso, realmente pecados capitais! – o quadro de uma compreensão antecipadora, meio o *espírito* ou a *aura*, que deve, que pode se fazer o fundo de ressonância para uma leitura de *Da Redenção*. Digamos que o que aqui ficou esboçado, insinuado, é o que deve, pode acompanhar, passo a passo, em eco e ressonância, uma leitura/interpretação do texto. Nesse *medium*, desde esse elemento o texto pode passar a ser soletrado... Ele é digno de ser soletrado...

A Segunda observação diz respeito à referência à poesia e aos poemas citados. Poesia não é para enfeitar o texto; não é para amenizar ou adocicar alguma coisa amarga e impalatável; não é para provocar arrepios, calafrios, enlevos, arroubos. Ou, por outro lado, não é para gerar repúdio e má vontade em relação a algum suposto sentimentalismo, *misticismo*. Tudo isso seria inoportuno – estranho à questão, quando não estúpido, medíocre.

Poesia, aqui e sempre, precisa ser vista geladamente. Ela precisa ser vista com olhar implacável, duro, frio, intransigente. Vista, talvez, com o olhar de Heráclito, que “é incandescente para dentro e gelado para fora”. Poesia, aqui, é o olhar mineralizado do homem que carrega, do homem que é o *Deus morto*. Trata-se, aqui, agora, de reivindicar um saber, um ver, que não provém de lugar nenhum e que não vai para lugar algum, mas que é tão-só o impor-se de um aparecer e fazer-se que, tal como flor, sem razão e sem coração, “floresce porque floresce”, quer dizer, aparece, se faz visível – impõe-se. Trata-se do saber, do ver e do ouvir, que não pode não ser, mesmo e sobretudo quando não se tem mais a verdade, quando Deus está irrevogável e inexoravelmente morto. É a evidência que se faz como a experiência do, de limite. É aqui e assim, como concretização de tal experiência de limite, que se faz verdadeira, *evidente*, a palavra de Hölderlin, no *Hyperion*: “**Dichtung ist Anfang und Ende aller Wissenschaft**” – “Poesia é começo e fim de toda ciência, de todo saber”.

É deste alfa e deste ômega que é a fala da poesia. E é esta a fala que é, aqui, reivindicada. É, portanto, a vingança do poeta! Vingança nobre, de coração limpo, pois nela, por ela o poeta reivindica para si o que é de si, isto é, do próprio poeta ou do próprio poeitar – franqueza acima de tudo! E, no poeta, para o poeta, de si, próprio, *ipsissimum* é o irrevogável e gratuito do aparecer e ser, do fazer-se visível desde nada, para nada. Irrevogável e inutilmente. Muito aquém de todo e qualquer princípio de razão suficiente. Melhor: é *este* o princípio da razão suficiente, qual seja, a insuficiência

de todo princípio, de todo fundamento. E: amém! Assim seja! Mas é isso a vida?! Mais uma vez!

Cabe fazer, deixar florir isso – deixar ser, escutar o que precisa ser. É esta, só esta a fala da poesia. Sem nenhum sentimento. O olhar duro do Deus morto, que vê o que é.

Bibliografia

HÖLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou o eremita na Grécia*. Trad. de Márcia C. de Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 Vols. Berlim: Walter de Gruyter, 1967-1978.

_____. *Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética em um Volume*, Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1974.